

Leituras gramscianas: história, política e classes sociais

LEANDRO GALASTRI

Marília: Lutas Anticapital, 2022. 239 p.

*Marília Gabriella Machado**

Leandro Galastri inicia seu livro com maestria ao refletir criticamente sobre a temática do denominado gramscismo cultural, uma distorção político-ideológica realizada pela extrema-direita na teoria gramsciana. O autor, ao desenvolver dialeticamente as principais categorias de Gramsci, não abre espaço para leituras reformistas e faz a análise concreta do tempo histórico no qual o militante comunista viveu, mas não o deixa no ostracismo. Os oito ensaios de Galastri colocam Gramsci lado a lado com a filosofia da práxis e nos auxiliam a traduzir suas categorias para a realidade latino-americana.

Ao aportar em Turim, em idos de 1911, desenvolveu experiência política, cultural e teórica por meio do contato diário com o movimento operário. Gramsci, apoiador e participante dos Conselhos de Fábrica, foi um homem de partido, militante e dirigente do Partido Comunista da Itália (PCd'I), aporte teórico-filosófico de importantes pensadores dos anos que se seguiram. Aprisionado pela ditadura fascista de Benito Mussolini em 1926, Gramsci continuou a refletir e a escrever, tendo deixado um imenso e complexo material de estudos que refletem de forma integrada questões que desde 1916 já havia se debruçado.

* Doutoranda em Ciências Sociais (UNESP/FFC). E-mail: m.machado@unesp.br

Leandro Galastri recupera Gramsci em sua totalidade e, como bem ressalta o prefácio de Marcos Del Roio (p. 9), “faz a defesa aguerrida do Gramsci revolucionário”, que teorizou sobre a derrota da classe operária italiana e sobre o subjetivismo reacionário oriundo da crise orgânica que a Europa enfrentava no pós-guerra. Ao dialogar com Maquiavel, Engels, Sorel e Rosa Luxemburg, o autor nos surpreende com respostas contidas nos fundamentos teóricos de Gramsci sobre a guerra de movimento e a guerra de posição, assim como acerca da necessidade presente de instrumentalizar a violência política para desafiar “a estrutura institucional do Estado capitalista”, que é capaz de “criar sementes de nova hegemonia” (p.75).

No capítulo *Estrutura, superestrutura e a análise política da história*, o autor conduz o leitor para o contexto histórico e para as reflexões teóricas desenvolvidas por Gramsci. Demonstra como o militante comunista vai “além da dicotomia economicista ‘estrutura x superestrutura’”, e a partir de uma perspectiva dialética e histórica insere-se na batalha de ideias sobre a luta sindical em meio às diferentes organizações proletárias. As difíceis condições históricas da Itália, não resolvidas com o *Risorgimento* e potencializadas pela crise do pós-guerra, assim como a esperança de uma transformação radical das estruturas sociais, foram a faísca para o campesinato e o proletariado se organizarem. Gramsci vivenciou o período do *biennio rosso* em Turim e observou os efeitos da crise da hegemonia liberal que o país vivenciava. Suas críticas ao sindicato e às concepções positivistas e economicistas do Partido Socialista Italiano (PSI) começaram desde sua filiação, em 1913, e ganharam maior cadência a partir da negociação da CGL com o patronato para a desocupação das fábricas em 1920.

O período vivenciado por Gramsci e pelo grupo do *L'Ordine Nuovo* teve seu apogeu durante as ocupações fabris em agosto e setembro de 1920, momento em que a violência fascista se fazia existente nos campos e nos centros urbanos. O bloco histórico burguês italiano estava em crise, mas encontrava os primeiros sinais de rearticulação no fascismo. Diante disso, a proposta analítica de Galastri concentra-se em compreender as diferentes dimensões do bloco histórico a partir das determinações econômicas, ideológicas e políticas, como uma unidade orgânica. Sem ignorar a importância da tradutibilidade e do conhecimento da vida cotidiana, a análise do autor demonstra como as relações entre as estruturas e as superestruturas ideológicas são necessárias para a vitalidade do materialismo dialético, assim como “é uma característica definidora do marxismo de Gramsci e dos eixos fundamentais de sua crítica antideterminista e antieconomicista, reconhecendo a capacidade do momento subjetivo de incidir sobre o terreno estrutural” (p.100).

O capítulo *História, Revolução Passiva e Jacobinismo* é uma contribuição de altíssima relevância para o debate sobre a revolução passiva que acontece atualmente na América Latina. A categoria desenvolvida por Gramsci, enquanto “resposta à filosofia da história de Croce, à sua ‘dialética dos distintos’” (p.105), nos auxilia a compreender a maneira de exclusão das massas da vida política con-

forme se desenvolve uma desagregação do seu movimento econômico e político por meio do transformismo, com a finalidade de fortalecimento e restauração da hegemonia burguesa. A contribuição do autor vai além, pois traduz a categoria para o “mecanismo de reação das classes dominantes à contradição permanente da relação entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção que as encerram numa dada formação social capitalista” (p.109).

O processo de revolução passiva quando iniciado, assim como o fascismo na Itália a partir de março de 1921, se desenvolve concomitantemente à guerra de posição. Mais uma vez, Galastri utiliza o instrumento categorial soreliano, a cisão, o jacobinismo e o antijacobinismo, para relacionar revolução passiva, bloco histórico, guerra de posição e revolução. Seu diferencial analítico não passa despercebido ao ressaltar que as classes subalternas, os partidos, os movimentos populares e os sindicatos não escolhem a guerra de posição, mas que “em situações históricas muito específicas e fora do controle e da vontade das partes em luta, é o resultado histórico a que se pode chegar por meio da luta política das classes subalternas”, quando um dos objetivos é a cisão “e a construção de um bloco social de classes subalternas hegemonizado por uma nova classe fundamental” (p.113).

Grata surpresa encontra-se nos capítulos *Gramsci, Althusser e as formas de um diálogo possível*; *Gramsci, Poulantzas e a transição socialista* e *Fordismo, proibicionismo e dessublimação repressiva: a questão sexual do capitalismo do século XX em Gramsci e Marcuse*. A análise do Galastri indica caminhos possíveis no intercâmbio de ideias entre autores que absorvem a dialética marxiana de forma distinta. Dessa maneira, sua reflexão parte de distintas concepções teóricas, fundamentadas no marxismo, evidenciando a contemporaneidade e importância das categorias e interpretações de Gramsci em diálogo com Althusser, Poulantzas e Marcuse. O autor compreende a complexidade, mas assume a importância dessas relações com a finalidade de “desvelar seus desdobramentos mais profundos e menos óbvios na prática da dominação de classe” (p.140). O diálogo teórico é aprofundado nas temáticas sobre Maquiavel, o marxismo como teoria finita, a transição socialista, a questão da hegemonia e da produção capitalista.

Os dois capítulos finais, *Classes sociais e grupos subalternos: distinção e aplicação política* e *Contraponto e contratempo como contribuições metodológicas para uma historiografia dos subalternos*, atualizam o debate sobre a práxis e a luta de classes. Galastri reflete sobre a organização dos subalternos e a construção de uma nova hegemonia, sem perder espaço para o atual debate decolonial, tendo em vista a emancipação nacional popular de forma criteriosa e atenta à articulação metodológica entre as classes sociais, os grupos subalternos e a historiografia. Em suma, Galastri reflete sobre as questões contemporâneas e utiliza o arcabouço teórico-metodológico gramsciano para questionar as dimensões institucionalizadas da sociedade, que são *locus* de reprodução da sociedade burguesa, mas também de possível formação crítica e de emancipação, sendo, portanto, uma das maiores realizações do autor: a reflexão gramsciana em direção à transformação social.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Engels resenha obra de Marx

Michael Heinrich

Marx sob o crivo de Darwin

Dominique Lecourt

O marxismo de Fredric Jameson

Giovanna Marcelino

DOSSIÊ "A crítica pachukaniana do Direito"

Thiago Barison (Org.)

52